

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO

**Rosângela dos Santos Fogaça da Silva**

**DE LAGARTA À BORBOLETA: TRANSFORMAÇÃO DE MIM  
MESMA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO**

Santa Maria, RS

2021

**Rosângela dos Santos Fogaça da Silva**

**DE LAGARTA À BORBOLETA: TRANSFORMAÇÃO DE MIM MESMA ATRAVÉS  
DA EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito final para obtenção do grau de **Pedagoga**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Paixão

Santa Maria, RS.

2021

**Rosângela dos Santos Fogaça da Silva**

**DE LAGARTA À BORBOLETA: TRANSFORMAÇÃO DE MIM MESMA ATRAVÉS  
DA EDUCAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito final para obtenção do grau de **Pedagoga**.

**Márcia Paixão, Dr<sup>a</sup> UFSM**

( Presidente Orientadora)

**Tânia Micheline Miorando Dr<sup>a</sup> UFSM**

Santa Maria/ RS

2021

## *DEDICATÓRIA*

*Dedico esse trabalho de conclusão de curso a Deus que sempre esteve comigo, mesmo nos momentos que pensei que estava sozinha. Ao meu esposo, minha mãe pelas incansáveis orações, e aos meus filhos Misael e Evelyn.*

## RESUMO

### DE LAGARTA À BORBOLETA: TRANSFORMAÇÃO DE MIM MESMA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

AUTORA: Rosângela dos Santos Fogaça da Silva

ORIENTADORA: Márcia Paixão

Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma pesquisa autobiográfica e teve como objetivo responder a uma questão que me intrigou desde o início da graduação: Quais as razões que levam mulheres adultas a escolher um curso universitário? A partir da minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica foi possível perceber a importância do processo transformador da educação. Para responder a essa pergunta, tomei por base os estudos Delory-Momberger e Marie-Christine Josso, que dão a sustentação teórica para a pesquisa autobiográfica. A metodologia utilizada foi a narrativa de história de vida, que promoveu um “caminhar para si”, e contribuiu para repensar meu processo formativo.

**Palavras-chave:** Educação. Desafio. Transformação.

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2- TRANSFORMAÇÃO DE SI</b>	<b>8</b>
<b>3- MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA</b>	<b>15</b>
<b>3.1- Ensino Fundamental</b>	<b>16</b>
<b>3.2- Ensino Médio</b>	<b>17</b>
<b>4- REPENSANDO MINHA HISTÓRIA</b>	<b>18</b>
<b>4.1- O começo da realização de um sonho</b>	<b>19</b>
<b>5- ESTUDAR NA FASE ADULTA: DESAFIOS E VANTAGENS</b>	<b>23</b>
<b>6- CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>28</b>
<b>7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>29</b>

## 1-INTRODUÇÃO

Voltar para si não é uma tarefa fácil, pois entender o passado para compreender o presente exige muito de nós mesmas. No presente Trabalho de Conclusão de Curso apresentarei alguns fatos marcantes da minha história de vida, bem como obstáculos e desafios que encontrei ao ingressar em uma Universidade na idade adulta.

Destacarei também as vantagens que existem em concluir um curso superior depois dos 40 anos, mesmo tendo uma tripla jornada de trabalho e com filhos pequenos. Essa perspectiva teórica baseia-se na pesquisa autobiográfica, trazendo a narrativa das histórias de vida como tema central do estudo apontando o processo formador e transformador desta metodologia no campo da pesquisa educativa.

Uma pergunta que me intrigou desde que ingressei na faculdade, ao me deparar com a realidade de muitas mulheres, principalmente no curso noturno de Pedagogia, era saber quais as razões que essas mulheres tiveram para escolher um curso universitário, principalmente na idade adulta. Como resposta tive o prazer de receber a proposta de minha orientadora para escrever um TCC autobiográfico, pois escrevendo a minha história, a partir de minha realidade, conseguiria responder a essa pergunta, entendendo a minha história e a de muitas mulheres que viveram/vivem a mesma situação.

Para dar conta desta proposta metodológica, apoiei-me em Josso e Delory, que me nortearam na escolha de quais partes da minha vida deveria relatar aqui, sistematizando minha experiência e construindo conhecimentos.

Nesse sentido, meu trabalho ficou assim desenhado: No primeiro capítulo falo da transformação de si mesmo, com todo o apoio teórico de Josso e Delory. No segundo capítulo apresento algumas memórias da minha infância e também da vida escolar (ensino fundamental e médio). Já no terceiro capítulo relato um pouco da minha história e o começo da realização de um sonho. Finalizo meu trabalho apontando as vantagens e desafios de estudar na fase adulta e as aprendizagens que tive ao narrar minha história.

## 2- TRANSFORMAÇÃO DE SI

Trabalhar com narrativas de história de vida como processo formador ainda é novidade no campo acadêmico. Nesse TCC, faço o processo de caminhar para dentro de mim, lembrando, contando e escrevendo memórias da minha história. Como diz Marie-Christine Josso (2007), esse é um processo de ressignificação/processo formador. Ao contar/escrever vou transformando a mim mesma. Narrar a própria história permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida.

Marie-Christine Josso afirma que:

Às constatações que questionam a representação convencional de uma identidade, que se poderia definir num dado momento graças à sua estabilidade conquistada, e que se desconstruía pelo jogo dos deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências socioculturais, junta-se a tomada de consciência de que a questão da identidade deve ser concebida como processo permanente de identificação ou de diferenciação, de definição de si mesmo, através da nossa identidade evolutiva, um dos sinais emergentes de fatores socioculturais visíveis da existencialidade. ( JOSSO, 2007.P. 415,416)

Por isso decidi escrever um pouco sobre a minha trajetória de vida e os desafios encontrados ao longo do caminho, até chegar à realização de um sonho. Lembrar o passado e certos episódios de nossas vidas muitas vezes não é uma tarefa fácil, mexe com sentimentos, pois muitas coisas que vivenciamos gostaríamos de esquecer. Mesmo sendo difícil, tudo isso faz parte do processo de construção da nossa identidade, de saber quem somos, as dificuldades que enfrentamos e a nossa evolução como seres humanos.

O processo de caminhar para si é uma tarefa difícil e exigente. É como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco mesmos, com os que nos cercam e com a sociedade na qual estamos inseridos.

Relatar uma história de vida é voltar ao passado, desatando os nós que ali habitam e assim abrindo novas possibilidades para o momento presente. Esta retrospectiva visa extrair o que pensamos ter contribuído para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural a fim



de tentar compreender-se melhor. O primeiro desafio da pesquisa diz respeito aos elos que nos deram forma.

Desatar alguns nós da nossa vida é exigente. Deve ser feito de tal forma que, se houver tempestade ou tempo ruim, ele não se afrouxe, mas facilmente seja desatado quando chegar o momento da partida. Esses nós mencionados representam os momentos vividos, as experiências de nossa vida e que fazem parte do que somos.

Josso afirma que:

Os *laços de parentesco* são, indubitavelmente, os mais evocados nos relatos, quer sejam laços herdados por nascimento, quer sejam laços de aliança. Alguns estruturam a trama da narração, outros desaparecem ao longo do relato sem que isso signifique uma ruptura ou um parêntese momentâneo: simplesmente eles deixam de ser tão significativos do ponto de vista da formação. É como se tivessem cumprido um tempo. A força desses laços de parentesco se expressa nos *laços de lealdade e de fidelidade* que engendram e que se manifestam não apenas na preservação das relações mais ou menos ritualizadas, mas igualmente nas convicções adotadas. É preciso mencionar aqui o lugar bem particular que ocupam os avós na quase totalidade dos relatos. Mais ainda, é raro que uma avó ou um avô não tenham desempenhado um papel determinante na formação dos narradores. ( JOSSO, 2006.P.376)

A nossa formação como indivíduos traz muitos laços herdados através de nossa família. Fui criada de uma forma patriarcal, onde o homem sempre foi o provedor e a mulher somente tinha o papel de casar, ter filhos, cuidar do marido e da casa. Segui esse conceito/modelo de vida por muitos anos, mesmo com vontade de mudar, mas sem ter a coragem e a motivação de superar os obstáculos que a vida apresentava. Essa experiência se apresentou como um grande desafio neste conhecimento de si mesmo, pois não basta apenas compreender como somos formadas, por meio de um conjunto mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permitindo assim encararmos o nosso itinerário de vida.

Os nossos investimentos e os objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as heranças que trazemos conosco e experiências formadoras, os nossos grupos de convívio e suas valorizações, e os desejos realizados nas oportunidades socioculturais para que soubéssemos aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade experiências, ao

longo da vida e que tome consciência de que este reconhecimento de si mesmo faz dela uma pessoa.

Esse processo de caminhar para si é olhar para dentro de nós mesmas para recontarmos o que vivemos e, assim, começar a reconstruir a nossa história a partir desse momento presente, conscientes do que se passou e do que poderá ser diferente.

Em muitos momentos, relatando minha história de vida, lágrimas escorreram no meu rosto. Ao voltar no tempo e caminhar para dentro de mim, lembrei minha história e coisas que guardei como que em uma caixa, a qual em vários momentos, não gostaria que fosse aberta. De toda forma, esse processo faz parte do meu projeto de vida. O conhecimento de si envolve os nossos diferentes modos de estar no mundo e de nos projetarmos nele, e de o fazermos na proporção do desenvolvimento da nossa capacidade, para multiplicar, alargar, aprofundar as nossas sensibilidades a respeito de nós mesmos e do mundo, questionando as nossas categorias mentais, na medida em que se inscrevem numa historicidade e numa cultura.

Josso destaca que:

A construção da história de vida na nossa abordagem reside na elaboração de um auto retrato dinâmico por meio das diferentes identidades que orientaram e orientam as atividades do sujeito, as suas opções passivas ou deliberadas, as suas representações e as suas projeções, tanto nos seus aspectos tangíveis como invisíveis para outrem, e talvez ainda não explicitados ou surgidos na consciência do próprio sujeito. (JOSSE, 2007)

Assim, escrever a atividade biográfica não fica mais restrita apenas ao discurso oral ou escrito, mas sim se reportando, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação da pessoa com sua vivência e com o mundo que a rodeia, compreendendo o que foi essa transformação para em seguida trabalhar na construção da sua história.

Escrevendo meu TCC, em vários momentos tive vontade de desistir, porém lembrando os processos que passei no decorrer da vida, decidi continuar. Percebi que cada página escrita era uma nova oportunidade de transformação e mudança na construção do percurso da história.

Há alguns anos atrás passei por um processo de depressão muito grande e acabei desistindo dos meus sonhos, sem ter forças e coragem para retomar a construção da minha história e eu não queria me sentir novamente assim.

Em uma aula do curso de Pedagogia, a professora apresentou o vídeo “A Pérola e a Ostra”, de Rubem Alves, e fez as seguintes perguntas: “**O que você tem feito com suas dores? Quais são as suas cicatrizes? Quem é você depois das tempestades da vida?**” Essas perguntas me marcaram, pois em meio a tantas tempestades pelas quais passei e cicatrizes que carregava em meu interior, eu estava prestes a desistir mais uma vez. Então passei a refletir seriamente sobre isso e decidi continuar meu processo de transformação.

Rubem Alves fala que:

A ostra, para fazer uma pérola, precisa ter dentro de si um grão de areia que a faça sofrer. Sofrendo, a ostra diz para si mesma: preciso envolver essa areia pontuda que me machuca com uma esfera lisa que lhe tire pontas ostras felizes não fazem pérolas. Pessoas felizes não sentem a necessidade de criar. O ato criador, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor. Não é preciso que seja uma dor doída. Por vezes a dor aparece como aquela coisa que tem o nome de curiosidade. Este livro está cheio de areias pontudas que me machucaram. Para me livrar da dor, escrevi”.(ALVES, 2008. P. 08)

Nesse trecho, vemos que Rubem Alves fala sobre as areias pontudas que o machucaram. Muitas pessoas, como ele, como eu, carregam marcas e cicatrizes profundas, a tal ponto que não conseguem mudar esse ciclo e transformar essas experiências dolorosas em aprendizados da vida. Caminhar para dentro de si é desafiador, pois rever seu passado e desatar os nós que machucam faz parte do processo de transformação de si e se dá nesse movimento de olhar para a dor, para todas as experiências e desejar aprender com elas.

Christine Delory- Moberger destaca que:

O objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência. E, conjuntamente, como os indivíduos – pelas linguagens culturais e sociais que atualizam nas operações de biografização – contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social (“linguagens” tem aqui um sentido muito amplo: códigos, repertórios, figuras de discurso; esquemas, scripts de ação etc.). Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da

pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiências.(DELORY-MOMBERGER, 2012, P.524)

Podemos perceber, nessa perspectiva, que não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar. Trata-se de uma autorrealização, de autoformação, como os indivíduos vão dando forma às suas experiências e sentido ao que antes não tinham, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens na sociedade a qual estão inseridos, mediante o processo de biografia.

Assim, a escrita de relatos autobiográficos dá aos indivíduos a possibilidade de articular, por meio das narrativas que produzem sobre si, as experiências referências pelas quais passaram, atribuindo à própria trajetória profissional e de vida.

Delory-Momberger afirma que:

Assim, a atividade biográfica não fica mais restrita apenas ao discurso, às formas orais ou escritas de um verbo realizado. Ela se reporta, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia. A utilização dos termos biografia e biográfico para designar não a realidade fatural do vivido, e sim o campo de representações e de construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência, enfatiza até que ponto essa compreensão narrativa da experiência se apresenta como uma escrita, isto é, como um modo de apreensão e de interpretação da vivência, com sua dinâmica e sua sintaxe, seus motivos e suas figuras. Os neologismos biografar(-se) e biografização salientam o caráter processual da atividade biográfica e remetem a todas as operações mentais, comportamentais e verbais pelas quais o indivíduo não cessa de inscrever sua experiência e sua ação em esquemas temporais orientados e finalizados. (DELORY - MOMBERGER , 2012, P. 525)

Caminhar para si e elaborar uma pesquisa autobiográfica é compreender a sua formação para em seguida trabalhar na organização do sentido da sua história. É construir nos seus saberes adquiridos ou nas marcas que o passado traz, e na perspectiva do futuro entrando em cena como sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade.

O processo autorreflexivo nos obriga a ter um olhar retrospectivo e prospectivo, fazendo assim uma atividade de auto interpretação crítica e de tomada

de consciência da relatividade social, histórica e cultural dos referenciais interiorizados pelo sujeito e, por isso mesmo, constitutivos da dimensão cognitiva da sua subjetividade.

O trabalho de reconstrução de nossa história, tanto no relato oral quanto no relato escrito, provoca o aparecimento pela busca da compreensão de si mesmo de componentes de nossa história, de tomadas de consciência do que nos move, nos interessa, nos guia, nos atrai, reunindo muitos fios que se revelaram significativos do ponto de vista da nossa formação e transformação, e que nos permitem ver mais claro os desafios de nossa existência.

Josso relata que:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação. (JOSSO, 2007 P. 414)

Narrar sua história de vida não é simplesmente contar os fatos que marcaram, mas sim emocionar-se olhando para dentro de si, colocando em evidências questões como as preocupações e inquietações explícitas, permitindo que o indivíduo em formação saia do isolamento e comece a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos e estratégias desempenhando aqui um papel maior, sendo facilmente compreensível a importância de trabalhá-las explicitamente contribuindo para mudanças sérias no fazer e no pensar de nossa humanidade.

Josso (2007) também fala que abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser - sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida, são a ponta do iceberg da sua existencialidade, pois de um lado temos a trajetória que é feita através de heranças sucessivas, mas por outro lado temos as

novas construções de conhecimentos de valores e comportamento que são competências do novo saber, sendo escolhido através do percurso educativo.

Ela também ressalta que:

A fim de que o trabalho biográfico realizado em nossas pesquisas não seja confundido e/ou reduzido a uma ação exclusivamente introspectiva, algumas observações sobre nosso cenário de pesquisa-formação permitirão precisar as modalidades de elaboração da história e do trabalho de análise dessas histórias narradas. O dispositivo-cenário parte da ideia de que a compreensão do processo de formação implica um processo de conhecimento ao longo do qual os participantes construirão sua história, a partir de uma série de etapas, alternando trabalho individual e trabalho em grupo. Assim, a reflexão sobre os processos de formação só é produtiva na medida em que os participantes investem ativamente cada etapa de trabalho neles mesmo, bem como nas interações que o grupo oferece. (JOSSO, 2007 P.420)

Este TCC é um trabalho acadêmico e a sua realização/pesquisa me permitiu relatar um pouco de minha história de vida e de como caminhar para dentro de mim não está sendo uma tarefa fácil, mas, por outro lado, um rico aprendizado. Narrar os processos não é simplesmente escrever. As autoras que me deram apoio teórico para esta pesquisa ensinam que lembrar, contar, ler e escrever são processos formadores e que mudam a vida da gente.

Concluir um curso superior faz parte de meu processo de superação e amadurecimento, compreendendo o passado, desatando muitos nós da vida para conseguir olhar para o futuro e ressignificar muitos aspectos que estavam silenciados, guardados e sem reflexão. Ao fazer esse processo de lembrar/contar/escrever pude me rever e repensar minha vida e meus processos. Sem dúvida, foi um processo formador.

No próximo capítulo, apresento alguns aspectos de minha história de vida nessa perspectiva de processo formador.

### 3. MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA

Meu nome é Rosângela, tenho 41 anos e nasci na cidade de Ijuí, localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul. Na infância morei num bairro da periferia. Era uma casa pequena, com apenas dois cômodos e o banheiro, e até os dias de hoje minha mãe mora no mesmo lugar.

Apesar de todas as dificuldades financeiras da família, tive uma infância muito feliz. Lembro de brincarmos muito e não havia preocupação com bens materiais. O bairro era considerado violento por outras pessoas que não residiam ali, mas isso não nos prejudicava, pois as pessoas da comunidade se protegiam umas às outras e, como criança, não entendia tudo o que acontecia ao redor, porque aquela era a realidade que vivenciávamos todos os dias.

Meu pai foi alcoólatra até os meus 7 anos. Apesar da pouca idade que eu tinha, lembro claramente de tudo o que aconteceu naquela época, pois muitas coisas me marcaram e ficaram registradas na mente. Infelizmente presenciei agressões físicas de meu pai para com a minha mãe. Mesmo sendo crianças, percebíamos que era uma expressão de violência, mas não sabíamos o que fazer para amenizar essa situação triste e difícil. Nossa atitude na época foi ficar ao lado daquela mulher simples, mas guerreira e forte que apesar das dificuldades da vida, sempre tinha um sorriso no rosto e um colo gostoso para nos acalantar. Com o passar do tempo meu pai deixou de beber e nossa vida começou a melhorar.

Assim como a maioria dos homens que conheci naquela época, em minha casa seguia-se o modelo de família patriarcal, onde o homem era o provedor e a mulher ficava no espaço doméstico, cuidando das crianças e da casa. Apesar de todas as dificuldades, lembro que nesse período meu pai não permitia que minha mãe trabalhasse fora ou saísse sozinha, nem que fosse para ir ao supermercado. Ela também não tinha carteira de identidade e somente quando eu e meus irmãos crescemos é que a levamos para fazer o documento. A alegria dela foi imensa, a ponto de dizer: “Agora eu existo”.

Falarei na sequência sobre algumas recordações escolares, que mais marcaram minha trajetória nas etapas do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

### 3.1 ENSINO FUNDAMENTAL

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental estudei numa escola bem simples, num bairro afastado da cidade. Apesar de ser na zona urbana, tinha que atravessar um campo de plantação de soja para chegar à escola, pois mesmo sendo mais difícil de andar, era o trajeto mais curto.

A escola tinha apenas até o quarto ano do Ensino Fundamental. Nossa sala de aula no primeiro ano era de madeira, lembro que parecia um galpão, e nossas brincadeiras eram: pular corda, pega-pega, três maria. Não lembro o nome das minhas professoras nessa época, mas uma que me marcou muito e cujo nome recordo (Duza) foi a professora do Pré.

Essa foi a professora que me proporcionou a primeira festa de aniversário. Ela foi até a minha casa com meus colegas para me dar um abraço, e trazer um presente feito por eles. Desenharam e fizeram um livro, o qual guardei como recordação por muitos anos. Nesse dia comemos bolo e cachorro-quente, junto com um famoso chá que naquela época era servido nos aniversários.

Tendo concluído a primeira etapa do Ensino Fundamental (chamada de quarta série na época), estudei em uma escola maior, que foi construída perto do bairro onde eu morava. Ali frequentei regularmente, até concluir essa etapa (oitava série).

Era uma escola de aparência bonita, mas havia muito preconceito, por ser de um bairro da periferia. Lembro-me que à medida que eu ia crescendo, muitas vezes sentia vergonha de dizer onde morava e estudava, pois sentia discriminação por parte das pessoas, até mesmo de alguns professores.

Quando terminei esta etapa escolar, apenas mais oito colegas também concluíram, porque muitos abandonavam os estudos logo após o sexto ou sétimo ano, uns para trabalhar, outros porque infelizmente se envolviam com drogas e más companhias. Também tive colegas que engravidaram cedo, e com apenas doze ou treze anos se tornaram mães, o que as impedia de continuar os estudos.



### 3.2 ENSINO MÉDIO

Após o término do Ensino Fundamental passei a estudar em uma escola muito requisitada na época, completamente diferente da realidade escolar que eu estava acostumada. Confesso que não foi fácil, enfrentei muitas barreiras, porque era uma escola onde muitos alunos tinham um nível financeiro alto, filhos de médicos, advogados, entre outros. Me sentia constrangida de falar onde estudei e onde morava, pois muitos davam valor ao que você tinha e não à pessoa que você era.

Eu era uma aluna quieta, não fazia muitas perguntas. Muitos dos conteúdos apresentados nas disciplinas eu nunca tinha estudado antes, pois nos anos do meu Ensino Fundamental, naquela época, não havia muitos recursos didáticos. Também não sentíamos que os professores tivessem muita vontade de ensinar, talvez pelo fato de ser uma escola onde muitos alunos abandonavam os estudos. Dessa forma então concluímos os estudos sem efetivamente aprender muita coisa.

Meu primeiro ano no Ensino Médio foi muito difícil, pois tive que me adaptar com escola nova e colegas diferentes. Muitas vezes eu saía da aula e voltava para casa, que era meu porto seguro, não me importando com a distância e o clima de sol ou chuva.

Nesse primeiro ano, devido à dificuldade de algumas disciplinas, acabei reprovando. Apesar de todo meu esforço, novamente cursei o primeiro ano e voltei a reprovar. Foi uma decepção muito grande, pois mesmo estudando com dedicação, não conseguia entender os conteúdos propostos nas disciplinas.

Então decidi parar de estudar e apenas trabalhar. Conversei com meus pais e eles aceitaram. Eu queria estudar e trabalhar, mas meu pai não autorizou que eu fosse à escola no período noturno. Ele falava que não era para “moça direita” estudar nesse horário.

Comecei a trabalhar cuidando do meu sobrinho, depois em uma fábrica pequena de imã de geladeira, até que eu consegui emprego em um supermercado, como operadora de caixa.

Para ajudar nas despesas da casa, eu lembro que todo mês quando recebia meu salário, tinha que entregar uma parte para o meu pai. Além disso, colaborava também para pagar as compras que fazíamos no mercado em frente de casa.

Trabalhei por dois anos no supermercado, e durante esse tempo, continuei procurando cursos para me aprimorar. Fiz datilografia e informática básica, que naquela época era muito requisitado nas empresas.

Nessa época a nova geração de mulheres já estava ingressada no mercado de trabalho, lutando para ser independente economicamente, mesmo com todas as dificuldades encontradas ao longo do caminho.

#### **4. REPENSANDO MINHA HISTÓRIA**

O tempo foi passando e comecei a namorar, e então decidimos nos casar. Tive que sair do emprego, porque passei a residir em outra cidade. Nesse contexto, tornei-me apenas dona de casa, mas mesmo assim mantinha o sonho de concluir o Ensino Médio.

Para conquistar esse objetivo, passei a frequentar a Educação para Jovens e Adultos (EJA). Naquela época fazíamos provas (equivalentes aos três anos do Ensino Médio) para eliminar as matérias, e assim, já com meus vinte e quatro anos, concluí essa etapa.

Antes de chegar a me formar no Ensino Médio, engravidei do meu primeiro filho. Mesmo grávida, continuei estudando, e tracei uma meta de terminar essa etapa dos estudos antes de ele nascer. Assim aconteceu, tendo concluído o Ensino Médio com sete meses de gestação.

Por ter me casado com um militar, nesse tempo ele foi transferido para a cidade de Lorena, no interior de São Paulo, onde moramos por 7 anos. Lá fiz um Curso Técnico de Enfermagem, o qual concluí, mas percebi que não era isso que eu queria seguir como carreira para o futuro. Não consegui me realizar profissionalmente e então entrei numa depressão profunda. Naquele momento, eu desisti de sonhar, pois sempre senti a vontade de ter uma profissão, poder me sentir bem comigo mesma e ter minha própria identidade.

Nesse período em que fiquei apenas como dona de casa, gostava de cuidar das tarefas domésticas e do meu filho, mas infelizmente é um trabalho interminável e desvalorizado. As pessoas geralmente pensam que a dona de casa vive ociosa, quando na verdade, é o contrário. Passei a me dedicar tanto à família, que acabei

esquecendo de mim mesma, dos meus sonhos, pois ainda estava enfrentando o processo da depressão e isso também me impedia de sonhar.

Passado algum tempo, decidi fazer um curso pré-vestibular, nessa mesma cidade de Lorena, pois sempre tive um sonho de ingressar numa universidade. Nesse intervalo de tempo engravidei novamente, e agora já estava então com trinta e dois anos. Mais uma vez abandonei meus sonhos e passei a cuidar da minha gestação e do nascimento da minha filha, que hoje está com oito anos.

Quando minha filha completou três meses, nos mudamos novamente, agora para a cidade de Ijuí, aqui no RS, onde então moramos por três anos. Nesse tempo só me dediquei à casa e aos filhos, pois eram pequenos e não tinha com quem deixar para ir trabalhar ou fazer algum curso.

Nessas circunstâncias, sentia que faltava algo. Não estava bem comigo mesma e me culpava por não ter conseguido exercer a profissão de Técnico em Enfermagem. Com isso me sentia frustrada e vendo meus sonhos cada vez mais distantes.

Passados os três anos, meu esposo foi novamente transferido, agora para a cidade de Cáceres, no Mato Grosso. Cidade pequena, com cerca de oitenta mil habitantes, onde residi por quase três anos. Foi pouco tempo, mas essencial para o começo da realização de um sonho em minha trajetória universitária.

Nessa cidade tem duas universidades, uma privada e outra estadual, ambas bem requisitadas pela população local e das cidades vizinhas. Meu sonho era conseguir estudar na faculdade pública, por não ter condições financeiras de arcar com todos os gastos de uma faculdade particular.

A universidade pública era muito concorrida, portanto era difícil de ser aprovada no vestibular. Sentia-me incapaz, por ter parado de estudar já há doze anos e também pelo fato de ter crianças pequenas, sem tempo para estudar, além de não saber por onde recomeçar os estudos.

#### 4.1 O COMEÇO DA REALIZAÇÃO DE UM SONHO

Passado um ano de residência nessa cidade, teve o vestibular da faculdade pública chamada UNEMAT (Universidade do Estado do Mato Grosso). Meu esposo

e uma amiga minha sempre me incentivaram, mas eu não tinha coragem de prestar o vestibular.

Nesse meio tempo decidi fazer um curso de corte e costura. Levava minha filha junto comigo, por não ter com quem deixar. Ela ficava debaixo da minha máquina de costura, deitada, distraíndo-se com meu celular, para eu conseguir fazer o curso.

O tempo foi passando e novamente abriram inscrições para o vestibular. Um amigo preencheu o formulário e me incentivou a tentar, mas eu não tinha ideia do curso que gostaria de fazer. Então, depois de muita reflexão, cheguei à conclusão de prestar o vestibular para Pedagogia. Era o terceiro curso mais concorrido do estado, superado apenas por Medicina e Direito.

Paguei a inscrição no último dia do prazo previsto. Lembro que na época o valor era de cem reais, e eu cheguei a pensar que estava desperdiçando meu dinheiro. Quando eu já estava quase desistindo de pagar o boleto, recebi uma mensagem do meu esposo falando para não deixar de lutar pelos meus sonhos. Então fiz o pagamento e depois acabei rindo de mim mesma, ao pensar no dinheiro que considerava estar perdendo. Sem conseguir estudar para o vestibular e sem saber nem ao menos por onde começar, tentava apenas me atualizar nas notícias.

Ao chegar o dia da prova, mais uma vez quase desisti, pois não sabia onde era o local e cheguei no horário limite de entrar na sala. Para minha grata surpresa, ao abrir o caderno de provas, senti como se eu tivesse feito o Ensino Médio recentemente. Consegui responder todas as questões e também tive um bom desempenho na escrita da redação.

Tendo concluído a prova, voltei para casa, sem muitas esperanças, pois vi muitos jovens prestando o vestibular e eu, já então com trinta e sete anos, e sem estar estudando há doze anos, achava que não teria chance de ser aprovada.

Passados alguns dias, acabei não acompanhando o resultado das provas, até que meu telefone tocou e ao atender era meu amigo, falando para eu clicar no site da UNEMAT e verificar o meu resultado. Então fiz o que ele falou e para minha surpresa e emoção, meu nome estava na lista, na segunda colocação. Foi difícil de acreditar, eu gritava, chorava, me ajoelhei e agradei a Deus por ter conseguido. Eu e meu esposo olhamos várias vezes para conferir se realmente eu tinha passado

mesmo, e se tudo aquilo era verdade. Efetivei então minha matrícula, e ainda assim era difícil acreditar que eu estava ingressando na universidade.

Quando as aulas começaram, uma mescla de sentimentos e emoções me envolveu. Ao entrar na sala de aula, me deparei com um cenário bonito e ao mesmo tempo intrigante, porque era uma turma grande, com quase quarenta alunos, sendo composta de mulheres de várias idades, e apenas três homens.

Neste ambiente, não me senti perdida, pois ali eu percebi que assim como eu, outras mulheres lutavam para realizar seus sonhos, independentemente da idade. Exemplo disso é que tive uma colega com quase sessenta anos, e essa constatação levou-me a refletir que eu não estava sozinha. Assim como eu, existiam muitas mulheres, que por motivos diversos, abandonaram seus estudos e decidiram recomeçar na idade adulta.

Observando essas semelhanças entre eu e as colegas, desde o começo da faculdade eu já pensava em fazer meu TCC sobre um tema que fosse voltado para as mulheres, a fim de saber quais motivos as levaram a cursar o Ensino Superior na idade adulta, e também para contar um pouco da minha história.

Na UNEMAT cursei até o quinto semestre. Pude notar que, à medida que o tempo ia passando e as dificuldades aparecendo, muitos colegas foram desistindo, inclusive os dois homens, perseverando apenas um, o qual já está se formando.

Nessa universidade percebi as dificuldades que muitas mulheres enfrentam para concluir seu curso superior. Apresento o exemplo de uma colega, a qual fiquei completamente emocionada com a sua força de vontade para estudar. Ela saía da faculdade à noite e, de bicicleta, se dirigia diretamente ao supermercado onde era faxineira, cumprindo seu turno laboral da meia-noite até às seis horas da manhã, pois não teria com quem deixar as duas filhas pequenas durante o dia para trabalhar, e no período noturno era possível porque seu companheiro cuidava das crianças.

Assim como essa colega conheci muitas outras mulheres guerreiras nesse estado de tripla jornada de trabalho, e mesmo assim continuavam fortes e não desistiram dos seus objetivos. Esse cenário me incentivou cada vez mais a persistir na luta para chegar à conclusão do curso.

Confesso que a jornada não foi fácil. Muitas vezes tive que levar minha filha pequena para a faculdade comigo, pois não tinha com quem deixar ela. Meu esposo

estava trabalhando, então eu pegava mototáxi, ou ia de carona com as colegas, pois nessa cidade não tem transporte público.

Logo no segundo semestre de Pedagogia comecei a trabalhar como monitora na escola Batista de Cáceres. Ali realmente percebi que estava na profissão certa. Aprendi muito nessa escola, mas acabei me sobrecarregando, devido a todas as demais tarefas as quais eu era responsável durante o dia.

Na parte da manhã fazia estágio na Educação Infantil, à tarde trabalhava e à noite ia na faculdade, além das atividades como mãe e dona de casa. Permaneci administrando essa rotina durante um ano e meio, até que acabei saindo do serviço para conseguir me dedicar à faculdade e aos meus filhos, que muitas vezes ficavam reclamando da minha distância e ausência.

Quando cheguei ao quinto semestre, meu esposo foi transferido novamente, agora para a cidade de Santa Maria/RS. Chorei muito, não queria sair de Cáceres, tinha medo de perder meu curso e não me adaptar à nova cidade, mas não tinha outra saída, tivemos que ir embora. Foi muito difícil deixar os amigos e a cidade que fizeram parte da minha trajetória acadêmica.

Chegamos em Santa Maria no segundo semestre de 2018, então fui até a UFSM para fazer minha transferência da universidade. Senti medo de encarar esse desafio, nova cidade e colegas, tudo muito diferente do que eu estava acostumada. Tudo era muito grande em extensão e longe, da minha casa até a universidade, por exemplo, eu andava cerca de uma hora. Essas constatações de certo modo me assustaram, e tive vontade de desistir, mas busquei forças dentro de mim para dar continuidade ao curso.

No primeiro dia de aula me senti como um “peixe fora d’água”, num ambiente com pessoas e culturas diferentes. Apesar de ter nascido e ser criada no Sul, não estava conseguindo me readaptar, e além disso, os currículos eram diferenciados de uma faculdade para a outra e acabei não tendo uma turma específica.

Mesmo assim percebi que tinha muitas mulheres na fase adulta no curso de Pedagogia do período noturno, e acabei fazendo amizade com colegas de várias idades, as quais seguiam lutando para a realização do seu objetivo de formação acadêmica. A grande maioria das colegas trabalhavam de dia e iam para a faculdade à noite. Devido ao cansaço do dia-a-dia, diversas vezes presenciei

colegas dormindo durante o trajeto de uma hora de ônibus entre o bairro que morávamos e a faculdade.

Passados dois semestres, consegui fazer parte de uma única turma, a de número doze. Ali também conheci várias colegas com a mesma faixa etária que a minha (aproximadamente oito colegas), e outras entre vinte a trinta anos, todas mulheres guerreiras, fortes e com o objetivo de concluir o curso e ter sua profissão. A maioria das colegas nessa turma trabalham como estagiárias remuneradas de Pedagogia, algumas em dois turnos, em escolas diferentes.

Trabalhei durante um ano como monitora na escola Parque Pinheiro, aqui de Santa Maria, com crianças especiais. Foi uma experiência única, que me fez pensar na importância de ser Pedagoga. Somos mais do que professores, temos que saber como trabalhar com cada indivíduo, e enfrentar diferentes situações apresentadas no processo educacional.

Depois de formada quero exercer a profissão que tanto sonhei com muito orgulho da escolha que fiz. Por ter conseguido realizar meu sonho aos quarenta e um anos, quero falar para cada mulher que passar situação semelhante, que independentemente da idade, somos capazes de realizar nossos sonhos, basta acreditar nele e ter muita força de vontade. Muitos obstáculos surgirão no decorrer do caminho, mas com persistência e fé podemos superá-los e tornar nosso sonho possível.

## **5. ESTUDAR NA FASE ADULTA: VANTAGENS E DESAFIOS**

Concluir um curso superior na idade adulta, seja qual for a área, exige muita força de vontade e disciplina, principalmente para nós, mulheres, que muitas vezes temos uma jornada muito intensa, pois somos mães, mulheres, donas de casa, trabalhadoras e estudantes. Enfrentei muitos desafios para chegar até aqui e neste capítulo irei contar um pouco da minha trajetória como acadêmica.

Ao ser aprovada no vestibular na UNEMAT - MT, senti uma alegria imensa, por conseguir entrar numa universidade pública. Não estava conseguindo acreditar que tinha conseguido, mesmo depois de estar já há tantos anos fora da escola, me dedicando apenas à minha família.

Ao mesmo tempo que veio a alegria, vieram também muitos medos, anseios e preocupações, pois já estava me sentindo “velha” para ingressar em uma universidade, ao lado de jovens vigorosas e dispostas a estudar. Escolhi o curso noturno por não ter com quem deixar meus filhos durante o dia, e à noite meu esposo poderia ficar com eles.

Meu primeiro dia na faculdade foi uma mistura de emoções. Quando entrei na sala de aula, percebi que não era a única mulher madura ali. Confesso que fiquei de certo modo aliviada, ao ver que estudaria em uma turma composta por 90% de mulheres de várias idades, sendo muitas até bem mais velhas do que eu e com histórias de lutas e superação no decorrer da vida. Isso acabou me animando ainda mais para continuar na caminhada que estava apenas começando.

Muitas vezes tive que levar minha filha pequena junto comigo para a faculdade. Quando ela não estava com a saúde boa, como eu não poderia faltar a aula, ela estando junto comigo, me sentia aliviada, pois poderia cuidar caso ela sentisse alguma indisposição, aplicando assim as medicações que fossem necessárias.

Outras vezes levava minha filha junto por não ter com quem deixá-la, pois meu esposo trabalhava à noite e meu filho mais velho ficava na casa de uma vizinha. Essa realidade não era somente minha, mas sim de muitas mulheres maduras que retornam à Universidade e se desdobram entre o privado e o público para dar conta de estudar, trabalhar e cuidar da família.

Confesso que era uma aventura levar minha filha para a faculdade, pois como mencionei anteriormente, na cidade de Cáceres/MT não há circulação de ônibus, e eu acabava utilizando moto táxi como meio de transporte. Mesmo sendo pequena, colocava minha filha no meio, entre eu e o piloto da moto, sem fazer uso do capacete, o que era comum naquela região. As circunstâncias me obrigaram a fazer isso, pois não queria permitir que essas dificuldades fossem um empecilho para eu desistir do meu sonho.

Todo final de semestre era agitado, pois as demandas acadêmicas se tornavam mais exigentes nesse período. Tínhamos que apresentar um seminário interdisciplinar para uma banca composta por sete professoras. A atividade proposta era escrever um artigo que englobasse todas as disciplinas ofertadas no semestre, a



partir de um tema gerador. No primeiro semestre, por exemplo, foi sobre um filme que falasse de educação.

Esse primeiro artigo escrito e apresentado foi para nós um grande desafio, pois não tínhamos noção de como trabalhar daquela forma. Acabamos conseguindo a nota 7,0, sendo esta a mínima exigida para concluir o semestre. A frustração foi grande, e depois da apresentação ficamos desanimadas, pois sabíamos da grandeza de nossos esforços.

Muitas vezes meus colegas iam até a minha casa às onze horas da manhã para estudarmos, e entre cuidar das crianças e fazer almoço, ainda achávamos o tempo para escrever. Esse horário próximo ao meio-dia era o único disponível para conseguirmos nos reunir e fazer os trabalhos, pois era o intervalo dos meus colegas, que trabalhavam no comércio ou supermercado.

Eu fazia o almoço para nós e cuidava das crianças, com um olho no computador, tentando me concentrar no estudo, e o outro nas panelas. Mesmo com todas essas dificuldades, sempre conseguimos concluir nossos trabalhos. Essas atividades exigiam de nós muita dedicação e força de vontade, pois os obstáculos eram imensos e cada semestre que passava as dificuldades iam aumentando.

No terceiro semestre começaram os estágios obrigatórios na Educação Infantil pela manhã, e à tarde eu ia para o estágio remunerado, pois tinha começado a trabalhar na escola Batista de Cáceres como monitora. Nesse tempo eu tinha apenas uma hora para sair da escola até minha casa, arrumar minha filha para a escola dela, e almoçar rapidamente para estar no serviço.

Muitas vezes acabava chegando um pouco atrasada nessa escola do período vespertino, e me alimentava apenas de algumas colheres de comida durante o pequeno intervalo que eu tinha. Terminando o horário do expediente, saía rápido a pé até minha casa para conseguir tomar um banho e ir para a faculdade. Sem tempo de fazer refeição em casa, acabava sempre comendo lanches que vendiam em frente a Universidade.

Essa correria durou cerca de um ano, até que comecei a me sentir fraca, cansada, sem disposição, e ao mesmo tempo preocupada com minha família, pois meu tempo com eles era mínimo e nos finais de semana me ocupava em limpar a casa e fazer os trabalhos da faculdade.

Mesmo com todo apoio do meu esposo, os problemas pessoais começaram a surgir. Minha menina passou a ter problemas respiratórios e o meu filho maior, que estava com doze anos, acabava sempre ficando sozinho em frente ao computador. Minha imunidade acabou baixando muito devido à sobrecarga de trabalho e com isso acabei adoecendo também.

Tive que deixar de trabalhar na escola como monitora e me dedicar somente à faculdade e à minha família, pois meu rendimento não era mais o mesmo, e o cansaço físico e mental eram evidentes. Nesse tempo que adoeci fiz alguns exames e foi constatado que estava com suspeita de câncer de mama, por estar com poucas vitaminas no organismo.

Naquele momento meu mundo desabou, tive vontade de desistir de tudo, mas com muita ajuda de alguns colegas e amigos continuei na faculdade, e cada dia mais eram notáveis os desafios de prosseguir cursando o ensino superior.

Fiz uma biópsia das mamas e o resultado foi negativo. Senti um alívio imenso, e aos poucos a vontade de continuar na faculdade foi ressurgindo. Nesse meio tempo muitos colegas desistiram do curso por não conseguirem conciliar a tripla jornada de trabalho. A sala de aula foi se esvaziando, restando apenas as meninas que não eram casadas e que tinham, portanto, mais tempo para estudar e se dedicar ao curso.

Continuei firme com o objetivo de concluir o curso, até que outra vez meu esposo foi transferido e novamente iria mudar de estado. Senti uma tristeza enorme de sair daquele lugar, pois lá fiz muitos amigos e tinha medo de não conseguir concluir meu curso em outro estado.

Chegamos em Santa Maria - RS com muitas expectativas e confesso que estava apreensiva, pois não sabia como iria ficar minha matriz curricular na UFSM. Então veio o retorno e para minha surpresa nesta universidade o curso noturno de Pedagogia era composto de dez semestres. Mais uma vez desanimei, pois já me encontrava no quinto semestre e na UNEMAT eram apenas oito semestres.

Como já mencionei no capítulo anterior, senti-me como um peixe fora d' água, pois inicialmente fiquei sem turma definida, ou seja, cada aula era em salas diferentes, até que consegui entrar em uma turma fixa, a 12. Ali eu encontrei várias mulheres maduras que enfrentam as mesmas dificuldades de estar num curso superior na idade adulta.

Exercer uma tripla jornada de trabalho, conciliando com a vida acadêmica, acabou interferindo no meu desempenho e aprendizagem na Universidade. Tive que fazer uma escolha: ou continuava trabalhando ou desistia da faculdade. Optei por cuidar da minha família e realizar meu sonho de concluir um curso superior, mas infelizmente essa não é a realidade de muitas mulheres, que por não ter essa opção, e por não conseguir conciliar a vida acadêmica com a particular acabam desistindo de seus sonhos.

Nesses anos que transcorreram na Universidade consegui manter um bom vínculo de amizade com os professores. Encontrei pessoas muito humanas, que por mais que fossem exigentes, também nos incentivavam para continuarmos nessa caminhada e chegar à conclusão de concluir a graduação.

Estudar na idade adulta, apesar de todos os obstáculos que encontrei, se tornou prazeroso. Talvez se tivesse concluído no “tempo certo”, como muitos falam, não teria tido essa vontade de vencer e de chegar ao final. Um sonho que havia ficado adormecido por alguns anos agora se torna realidade, e essa é a oportunidade para agarrá-lo com todas as forças.

Não poderia deixar de mencionar a pandemia que assolou o mundo e também a educação. Professores e estudantes tiveram que se reinventar para que a educação chegasse em cada residência. Tempos difíceis, onde tivemos que aprender a trabalhar com as tecnologias e estudar à distância não é fácil.

Com toda a família em casa e apenas um computador disponível, acabo fazendo meus trabalhos e escrevendo meu TCC no intervalo das aulas dos meus filhos. A cozinha se tornou meu escritório, pois é o único lugar em que consigo ficar em silêncio a fim de conseguir minhas inspirações para escrever.

Os obstáculos que enfrentei nesses cinco anos da vida acadêmica foram enormes, mas as aprendizagens superaram todos os desafios que encontrei. Houveram também muitos momentos de alegrias e descontração, amizades que vou levar para toda a vida, mulheres guerreiras e fortes, que juntas nos apoiamos para dar continuidade ao nosso sonho e conseguir fazer a diferença no processo educacional.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo que entrei na Universidade me deparei com várias mulheres, que assim como eu, procuravam realizar seu sonho de concluir um curso superior na idade adulta. Então me perguntava: quais as razões da escolha por um curso universitário feito por mulheres principalmente na idade adulta?

Quando recebi a proposta de minha orientadora para escrever um TCC autobiográfico, fiquei surpresa com a proposta e feliz também por escrever minha trajetória de vida até chegar na Universidade, assim conseguindo entender a minha realidade e a de muitas mulheres que enfrentam muitos obstáculos na vida, impedindo-as de realizarem seus sonhos na “idade certa” e conseguir responder à pergunta que me intrigava desde o começo da faculdade.

Caminhar para dentro de mim não foi uma tarefa fácil. Em vários momentos as lágrimas escorriam pelo meu rosto, pois revistar essas memórias e relembrar o passado, mexer com as lembranças colocadas "para baixo do tapete" me exigiu muito, mas ao mesmo tempo consegui entender muitos processos da vida e entender que vivemos numa revolução permanente.

Essa revolução verdadeiramente acontece quando decidimos fazer uma revolução interna, nos trazendo muitas reflexões sobre nosso passado, para entender melhor nosso momento presente e transformando nosso futuro.

Como educadora assumirei um papel de transformação, tanto na minha vida como na dos meus alunos e alunas. Espero que ela seja percebida na nossa ação, no nosso movimento cotidiano, assumindo um olhar diferenciado para as práticas pedagógicas voltadas para um melhor desempenho, tanto no âmbito escolar como na sociedade.

Acredito que respondi a pergunta de pesquisa ao apresentar minha narrativa de história de vida e realizar as reflexões acerca de minha história. Sem dúvida, tudo isso foi um processo formador, como bem assinalam Josso e Delory. Ao contar, recontar, escrever e ouvir nossas memórias históricas aprendemos e podemos ressignificar. Minha experiência mostrou que narrar histórias transforma a gente e nos reconecta com a vida, além de nos mobilizar para novas aprendizagens. Sem dúvida, seguirei meu processo formador ao longo da vida e levo comigo a importância de se conhecer as histórias e ressignificá-las.

## 7. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. Planeta do Brasil, 2ª ed., 2014.

JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir de histórias de vida**. (p. 413 - 438). Educação, 2007.

JOSSO, Marie Christine. **As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformação**. Educ.Pesqui. Agosto, 2006.

MOMBERGER Delory Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.

